

26/11/65 N

Parecia gente domesticada

por Carlos Cardoso, da AIM

O capim cortado da pista de aterragem da Casa Banana terá alguma hipótese de vir a ser monumento? No seu lugar, quem sabe, surgirão machambas, ou uma pequena cidade, ou um hotel com varandas dobradas em vénia perante a imponência da serra d. Gorongosa.

Dia 14 deste mês, a meio de uma manhã quente, o Dakota da TTA aterrou nessa pista trazendo a bordo representantes de várias organizações internacionais que visitavam a Gorongosa pela primeira vez após a tomada da Casa Banana por tropas conjuntas de Moçambique e do Zimbábue, a 28 de Agosto último.

O transbordo para a vila da Gorongosa — em cuja pista o Dakota não pôde aterrar — foi feito de avioneta em pequenos grupos. Se tivesse havido tempo ter-se-ia ido à Casa Banana, propriamente dita, a uns 9 km da pista, para os visitantes verem aquela que foi a principal base da desestabilização sul-africana em Moçambique.

O nome, Casa Banana, tem uma origem simples; na área havia uma casa de algum cantineiro já esquecido no tempo, chamada Casa Banana.

Era um avião e um grupo de pessoas muito diferentes daquelas que, até muito recentemente, aterravam nesta pista com armas e munições para irem, a pouco e pouco, destruindo física e moralmente toda uma parte do Povo moçambicano.

Hoje, a pista também chamada «Fábrica» — pois perto havia uma pequena fábrica — é vigiada por tropas moçambicanas que receberam os visitantes com alguma curiosidade e muitas rixadas, e poses guerreiras para as máquinas fotográficas.

Em toda a volta, o silêncio é cortado apenas pelas actividades regulares dos soldados, quer junto à pista quer nos preparativos para as patrulhas constantes da zona.

No mato denso circundante não há população. A que havia ou conseguiu fugir para perto de posições das FPLM e do Exército zimbabuano — sendo depois enviada para os centros de acomodação —, ou foi levada pelos bandidos para a serra onde estes procuram reorganizar-se.

Depois da chegada das forças aliadas, os bandidos tentaram pelo menos uma vez retomar a Casa Banana; foi um erro, dizem fontes militares locais, pois isso provocou a morte de mais bandidos.

Posteriormente, pequenos grupos espalharam-se pela zona tentando recuperar a população que se dirigia para os centros de acomodação ou para atacarem a estrada que liga Casa Banana à vila da Gorongosa.

Neste momento, segundo uma fonte militar, os bandidos agem localmente como se não tivessem um comando central, apesar de se saber que eles continuam a manter comunicações por rádio com a África do Sul.

Um ponto a ter em consideração, disse a fonte, é o facto de dentro de algumas semanas o capim alto, nascido das chuvas, vir a permitir uma maior mobilidade dos bandidos fora do refúgio da serra.

Da avioneta que nos transportou para a vila, podiam-se ver aldeias e pequenas povoações completamente abandonadas.

Já na vila a delegação visitou vários pontos de interesse, como a moagem e o hospital, antes de partir para um centro de acomodação.

Quer na vila, quer no centro de acomodação, os visitantes já não viram pessoas no estado em que elas estão quando chegam do mato. A roupa sobre o corpo e um aspecto de limpeza, escondem os traumas profundos que essas pessoas ainda sentem.

Recentemente, estive na zona uma delegação da organização norte-americana «Hope for Africa»; os seus membros assistiram à chegada de algumas pessoas a um centro de acomodação e custou-lhes a acreditar no que tinham visto: gente coberta por cascas de árvores, e com o terror estampado nos olhos.

Dia 13 deste mês, o Ministro da Saúde moçambicano, Pascoal Mocumbi, que se encontrava em missão de serviço na Gorongosa, assistiu à chegada de umas 200 pessoas ao centro de acomodação de Nhamadzzi.

«Vinham do lado ocidental da serra», disse Mocumbi à AIM. «Estavam cobertos apenas por cascas de árvores e com um odor corporal absolutamente diferente. Ao ver aquilo conclui que tenho ainda muito a aprender sobre a capacidade de resistência do ser humano».

Várias outras pessoas do distrito descreveram cenas idênticas de horror.

Os «recuperados» falam pouco, mesmo depois de estarem um dia nos centros. Não querem falar do passado; «é para esquecer», dizem alguns. Outros apenas dizem que não sabem nada.

Têm medo de tudo. Neles foi incutido medo à FRELIMO; os bandidos levaram muitas dessas pessoas a acreditarem que seriam mortas pelas autoridades governamentais. Têm medo de tudo que se desabituarão a ver ou que nunca viram. Por exemplo, no centro de acomodação de Tsiquiri, visitado pela delegação, uma criança começou a chorar de medo ao ver um saco de cores garridas que uma senhora da delegação trazia ao ombro. Medo. Apenas os que estão nos centros há mais tempo se começaram a abrir e a falar. Mas hoje têm medo de que as FPLM saiam da zona.

Até em Tsiquiri, onde já toda a gente está vestida, se pode ver o resultado de anos de cativo ou de vida marcada por lutas constantes das matangas. Os homens mais velhos caminham do um lado para o outro, fazendo pequenas coisas, e as crianças começam a sorrir e uma ou outra já acena aos «jeeps» que passam na Lzáfama consistente de trazer abastecimento. Mas as mulheres sentam-se debaixo das árvores, depois do trabalho de abrir as machambas ou de cozinhar, com um ar distante e uma quietude de estétua; até mesmo entre elas falam pouco.

O administrador Castigo Zandamela recorda o que foram os primeiros contactos com a população após a ofensiva militar.

«As primeiras pessoas que nós encontramos no mato fugiram de nós. Tinham medo de nós. Não fomos atrás delas.»

Zandamela disse à delegação que as autoridades locais optaram por criar o primeiro centro em Mucodza e depois aguardar que as pessoas fossem chegando, voluntariamente.

«No primeiro centro demos comida às primeiras pessoas que chegaram. Eram poucas. Mas em pouco tempo começaram a vir mais e depressa chegámos às quatro mil pessoas nesse centro.»

O fenómeno do medo é tal que as

autoridades locais decidiram não fazer perguntas aos «recuperados», para além das perguntas absolutamente necessárias sobre de onde vêm, nome e idade.

O Secretário de Estado dos Transportes Rodoviários, Lázaro Mathe, que se encontra a trabalhar a tempo inteiro na Gorongosa e em representação da comissão central nomeada em Maputo, também falou sobre a recepção dos «recuperados».

«Em Nhamadzi, em menos de duas semanas, passámos de 36 pessoas para 2800. Isso demonstra que quando há concentração as pessoas afluem. As populações que se encontram dispersas enviam algumas pessoas para virem: ver como nós as recebemos. Essas pessoas depois regressam e informam aqueles que andam fugidos dos bandidos armados. O factor mais mobilizador é darmos roupa e as pessoas lavarem-se com sabão. Não precisamos de abrir a boca.»

Por seu turno, Pascoal Mocumbi acrescentou que ao medo incutido pelos bandidos deve-se adicionar a proverbial desconfiança do camponês.

«O camponês é muito independente, conservador e desconfiado; analisa tudo no concreto», disse o Ministro aos visitantes já no fim da visita.

Segundo as autoridades locais, mesmo as pessoas que se encontram na serra já sabem o que se passa nos centros de acomodação. Mas aquelas que pretendiam vir até aos centros não o podem fazer, pois se são apanhadas são mortas, dizem os mais velhos de entre os «recuperados».

Mocumbi informou a delegação que já começaram a chegar algumas famílias com todos os seus membros; e, a Tsiquiri, no dia anterior ao da visita, tinham chegado dois jovens de 18 anos, uma indicação de que a composição etária dos «recuperados» poderá vir a alterar-se nas próximas semanas.

Por outro lado, também em Tsiquiri já há alguns mudjibas que se entregaram, identificando-se como mudjibas. As autoridades não põem de lado a hipótese de os matsangas enviarem mudjibas aos centros, para reconhecimento e posteriores actos de repressão sobre os «recuperados» ou actos de destruição e roubo. Mas, disseram-me dois velhos em Tsiquiri, as pessoas estão dispostas a identificar esses mudjibas se eles aparecerem. De uma maneira geral, as pessoas conhecem cada mudjiba das suas áreas de origem, pois eram eles que faziam o policiamento das suas aldeias a fim de impedirem a fuga dos camponeses.

É em torno destas realidades duras e cruéis que ainda se desenvolve a vida na área já incluída no apoio aos camponeses. O medo levará tempo a desaparecer. E na memória dos que trabalharam nesse apoio ficará a imagem de uma gente que, segundo um soldado, parecia «gente domesticada».



O «Dakota» da TTA depois de aterrar na pista da Casa Banana